

ARNALDO SOBA

# O PLÁGIO

E SE PUDÉSSEMOS EXTIRPAR O CÂNCER  
DO PLÁGIO DO TECIDO ACADÊMICO E LITERÁRIO?



**Título:**

O Plágio: e se pudéssemos extirpar o câncer do plágio do tecido académico e literário?

Autor:

**Arnaldo Soba**

Copyright ©:

**Arnaldo Soba**

Edição e Publicação:

**Editores Azul**

Coordenação Editorial:

**Zola Vida**

Capa:

**David Lutango**

Diagramação e Paginação:

**David Lutango**



(+244) 942 150 150



geral@editoraazul.com



Editores Azul



www.editoraazul.com



Bairro Miramar, Rua Ndunduma, n.º 61 (dentro do Centro de Empresas e Projectos Prestígio), Luanda - Angola.

**ARTIGO**



## PLÁGIO EM ANGOLA

2020 ficará marcado para sempre como “O ANO PLAGIÁRIO”. Os últimos dois anos ficaram marcados por uma onda de denúncias (talvez) sem precedentes, sobre a problemática do plágio no meio académico e, curiosamente, no mercado literário – universos reverenciados pela lisura, pelo comprometimento e, sobretudo, pelo respeito à autoria. De 2015 a 2022, verificou-se a ocorrência de 5 situações de plágios, tornadas públicas por vários órgãos de comunicação social, bem como por meio das vociferantes redes sociais:

**a. 2015:** Universidade Agostinho Neto (“UAN”) ‘detecta’ a existência de vários estudantes que terão comprado monografias para defesa do trabalho de fim de curso (“TCC”);

**b. 2020:** Sirineu Francisco, anunciado o vencedor do ‘Prémio Literário Jardim do Livro Infantil’, é acusado de ter plagiado, na íntegra, “O livro que não tinha fim”, da autora brasileira Sandra Aymone;

**c. 2020:** Lourenço Mussango, anunciado o vencedor do ‘Prémio de Literatura António Jacinto’, é acusado de ter plagiado, parcialmente, o conto ‘Serena’ do livro “Recifenses” do autor brasileiro Paulo Cantarelli;

**d.2022:** 15 (quinze) doutorandos da Faculdade de Ciências Sociais da UAN (“FACS-UAN”) são ‘censurados’ e viram seus supostos trabalhos ‘reprovados’, alegadamente, por prática de plágio;

e. 2022: 6 (seis) docentes da Universidade Rainha Njinga Mbandi, (Malanje) são ‘apanhados’ a comercializarem monografias para o TCC no valor de 100 a 200 mil Kwanzas.

O que estará na base dessas ocorrências? Será a falta de conhecimento sobre o plágio, o imediatismo ou uma ‘grosseira desonestidade intelectual’? Afinal, o que é o plágio e por que parece frequente? Para responder estas perguntas, precisa antes saber o que é o plágio.

### **Uma visão conceitual sobre o plágio**

Plágio (do lat. ‘plagium’) pode ser entendido como o acto de apropriar-se de uma ‘ideia’ ou arte alheia e apresentar-lhe como se fosse sua. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2009, citado por KROKOSCZ, 2012, p. 11) define plágio como “ato (sic.) ou efeito de plagiar; apresentação feita por alguém, como de sua própria autoria, de trabalho, obra intelectual etc. produzido por outrem.” O verbete plagiar, no Dicionário da Língua Portuguesa, significa “assinar ou apresentar como seu (obra artística ou científica de outrem). Imitar (trabalho alheio)” (FERREIRA, 1986, p. 1343, citado por KROKOSCZ, 2012, p. 11). Assim, o ‘plágio’, em verdade, ocorre quando não se atribui o devido reconhecimento ou crédito (indicação da fonte onde foi tirada a ideia ‘original’) ao respectivo autor (cfr. KROKOSCZ, 2012).

Vale ressaltar que, de acordo com a Lei 15/14, de 31 de Julho, Lei dos Direitos de Autor e Conexos, “a protecção da titularidade (...) ocorre por força da Lei, não dependendo para o efeito de registo.” (art. 25º, n.º 1). Entretanto, n.º 3 do

mesmo artigo sublinha a necessidade de registo (constituição do meio probatório) “para efeitos de reivindicação e defesa dos direitos”. Noutros termos, para a Lei angolana, o ‘plágio’ não ocorre apenas em relação a obras registadas, mas alerta para a necessidade de registo, para salvaguardar os direitos do autor (copyrights), em caso de situações litigiosas.

### **Por que o plágio parece cada vez mais frequente?**

O plágio não é um fenómeno novo. “Já no séc. II a.C. a Lex Fabia de Plarigriis do Direito Romano usava a expressão latina ‘plagium’.” (cfr. KROKOSZ, 2012, p. 10). Entretanto, a ideia de plágio, tal como se é concebida hoje, parece ter sido introduzida pelo poeta Marcus Valerius Marcialis (40? d.C. – 104? D.C.), conforme conta Manso (1987) citado pelo professor brasileiro Marcelo Krokosz (2012).

Desde o ensino de base, fomos testemunhas de vários (supostos) trabalhos de investigação que eram cópias fiéis de vários trabalhos recolhidos da internet, com a agravante de NUNCA termos sido sancionados por isso. Essa prática, resultante da poderosa combinação do CTRL C + CTRL V, arrastou-se até à Universidade, mesmo diante do olhar atento dos PhD de Metodologia de Investigação Científica (“MIC”).

Como nunca fomos treinados, tampouco incentivados para a prática da autoria (do base ao ensino superior), em parte, a maioria dos titulares das disciplinas de MIC (incluindo os nossos tutores) deveriam ser responsabilizados pela prática de “plágio consentido” ou, no nosso entender, de

“plágio passivo”. Entretanto, mais do que responsabilizar, é necessário que nas escolas e nas Universidades se discutam com uma maior abrangência sobre a natureza do plágio, as suas implicações ético-jurídicas, bem como o crítico risco reputacional.

De acordo com um estudo levado a cabo pelo Instituto Antiplágio (Brasil), no âmbito académico, “65% dos pós-graduandos consideram que os estudantes cometem plágio acidental” e “87% dos alunos ingressantes (sic.) no ensino superior não sabem o que é plágio”.

Existem várias razões que levam os estudantes, investigadores ou até mesmo escritores a estarem envolvidos na prática de plágio. KROKOSK CZ resume-as em 6 (seis):

1. acidente ou desconhecimento técnico;
2. facilidade de acesso à informação electrónica (internet) e de uso de recursos de edição de texto;
3. falta de tempo;
4. dificuldades de escrita académica e de hábito de reprodução textual;
5. interesses em aumentar o número de publicações (livros, artigos) e;
6. falta de ética (KROKOSK CZ, 2012, p. 22-31).

## EM BUSCA DE POSSÍVES SOLUÇÕES

“E se... pudéssemos «extirpar o câncer do plágio do tecido» académico e literário?” Isso seria possível? Caso fosse, como poderia ser feito?

Sem meias-palavras, infelizmente, é quase (im)possível acabar-se com a prática de plágio – nem no longo prazo, isso devido a um conjunto de circunstâncias, sobretudo, de natureza ética. “Fazer o bem e evitar o mal” não é “algo” que dependa da Lei e do Direito, mas da própria convicção e predisposição ético-moral dos fazedores da arte literária (do estudante, pesquisador, escritor e até do editor ou revisor). Do ponto de vista filosófico, podemos conjecturar que «extirpar» o plágio, do tecido académico e literário, implicaria a «eliminação» do próprio ser humano... por sermos, em potência e acto, seres falhos.

Apesar disso, tal como a quimioterapia, existem várias formas com as quais se podem atenuar as consequências do plágio:

**a)** A imaginação, a experimentação, a curiosidade, a criatividade, a inovação e a autoria devem ser habilidades desenvolvidas pelo próprio processo educacional;

**b)** A prática da escrita (quase) diária, a resenha, o resumo, a crítica literária deve ser incentivada a todos os níveis (Soba, 2021);

**c)** A capacidade da autoexpressão deve ser fomentada



junto dos estudantes, por parte das famílias, das escolas, ainda desde a tenra idade;

**d)** Discussões abertas sobre o que é e o que não é plágio e suas implicações devem fazer parte do dia-a-dia das escolas;

**e)** O hábito de leitura deve ser modelado como um estilo de vida e não 'luxo' apenas para pessoas experimentadas na literatura;

**f)** A MIC, tal como se ensina nas escolas, deve(ria) instrumentalizar o estudante para a prática da investigação científica e oferecer ferramentas para a prática da escrita e da criação de ideias;

**g)** Actualização das formas de solicitação de trabalhos académicos (ex: entregas escalonadas, entregas em forma trabalhos científicos, arguição dos trabalhos suspeitos, etc.) (KROKOSZ, 2012);

**h)** Questões como a ética e honestidades intelectual devem fazer parte da grade curricular de todos os cursos e níveis de ensino;

**i)** Sem prejuízo das notas anteriores e tendo em conta o nível de exposição das escolas e dos organismos promotores dos concursos de literatura, estas deveriam investir em aplicações informáticas de detecção de plágios.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Acreditamos, devotamente, que o problema do plágio está no facto de as Escolas ensinarem Metodologia de Investigação Científica, mas não ensinarem a escrever.

Infelizmente, a problemática do plágio e suas implicações ainda é um assunto pouco conhecido e discutido no nosso país, Angola. Por exemplo, arriscamo-nos em dizer que muitos dos jovens estudantes e aspirantes a escritor terão tomado conhecimento sobre o plágio, pela primeira vez, por meio deste *INSIGHT* e todos eles já terão praticado o plágio 1 dos 6 tipos de plágios mais comuns do meio académico (KROKOSZ, 2015).

É preciso que as famílias, as escolas, as associações de literatura (ex: clubes de leitura), os organismos colectivos de direitos de autor (ex: SADIA), os organismos de protecção dos direitos de autor (ex: SENADIAC) se engajem e promovam discussões mais abertas sobre o plágio em todas as suas dimensões (ao nível conceitual, pedagógico-preventivo e implicações ético-jurídicas, etc.), sobretudo, nos ambientes académico e literário. Em poucas palavras, precisamos fortemente capacitar e informar antes de punir, proscriver, cassar ou estigmatizar quem quer que tenha cometido supostamente a prática do plágio.

Ademais, torna-se imperioso chamar atenção aos jovens aspirantes à escrita sobre a necessidade neurótica de ser autor, a todo custo, sem (antes) tomarem contacto

do peso e da responsabilidade ética-literária do processo da autoria, ou seja, enquanto autor ou escritor.

Respondendo à questão grifada no título, se pudéssemos «extirpar o câncer do plágio do tecido» académico e literário teríamos verdadeiros autores e disporíamos da verdadeira arte literária. Os artesãos da escrita seriam bem mais valorizados e, provavelmente, talvez estes pudessem viver da própria arte de que amam fazer.

Se pudéssemos «extirpar o câncer do plágio do tecido» académico e literário, os TCC e os livros seriam verdadeiros barómetros do estado-da-arte de um determinado sector do nosso país. Se pudéssemos «extirpar o câncer do plágio do tecido» académico e literário, dispor de um diploma de licenciatura, escrever um livro ou ganhar um prémio de literatura, sem um compromisso com a autoria, talvez faria parte do nosso passado remoto.

E se... por mais que eu tentasse eu não conseguisse criar, ser um verdadeiro autor? Posso simplesmente contratar um serviço de ghostwriting? Bem, talvez este seja um tema para um próximo *INSIGHT*.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ALMEIDA, Lúcia de. “Plágio anula prémio literário jardim do livro infantil. Nova Gazeta”. Luanda, 10 jun. 2020. Artigo, online. Disponível em: <<https://www.novagazeta.co.ao/artigo/plagio-anula-premio-literario-jardim-do-livro-infantil>>. Acesso em: 25.04.2022.

2. ASSEMBLEIA NACIONAL. “Lei n.º 15/14, de 31 de Julho (lei que regula a protecção dos direitos de autor e conexos)”. Lei dos Direitos de Autor. Luanda: Plural Editores, 2017.

3. CALUETO, Fernando. “Plágio na UAN: Doutorandos da Faculdade de Ciências Sociais viram os seus trabalhos chumbados – UAN expôs publicamente os nomes dos plagiários”. Novo Jornal. Luanda, 25 mar. 2022. Sociedade, online. Disponível em: <<https://novojournal.co.ao/sociedade/interior/plagio-na-uan-doutorandos-da-faculdade-de-ciencias-sociais-viram-os-seus-trabalhados-chumbados--uan-expos-publicamente-os-nomes-dos-plagiadores-107406.html>>. Acesso em: 25.04.2022.

4. INSTITUTO ANTIPLÁGIO. “Plágio Académico”. Disponível em: <<https://www.institutoantiplagio.com.br/>>. Acesso em: 25.04.2022.

5. GONÇALVES, Valdo. “Propriedade intelectual: noção, importância e mecanismos de protecção da criatividade e inovação no direito angolano”. Luanda: JA Editora, 2020.

6. KROKOSZ, Marcelo. “Autoria e plágio”. São Paulo: Atlas, 2012.

7. KROKOSZ, Marcelo. “Outras palavras sobre autoria e plágio”. São Paulo: Atlas, 2015.

8. LOURENÇO, Alexandre. “Docentes podem ser expulsos pela venda de monografias a estudantes”. Expansão, Luanda, 29 mar. 2022. Universidade, online. Disponível em: <<https://expansao.co.ao/universidade/interior/docentes-podem-ser-expulsos-pela-venda-de-monografias-a-estudantes-107458.html>>. Acesso em: 25.04.2022.

9. S.A. “Plágio leva júri do Prémio António Jacinto a anular galardão atribuído a Lourenço Mussango”. Novo Jornal. Luanda, 1 jan. 2021. Sociedade, online. Disponível em: <<https://novojornal.co.ao/sociedade/interior/plagio-leva-juri-do-premio-antonio-jacinto-a-anular-galardao-atribuido-a-lourenco-mussango-99210.html>>. Acesso em: 25.04.2022.

10. SEBASTIÃO, Sita. “Agostinho Neto declara ‘guerra’ monografias plagiadas”. Expansão, Luanda, 24 nov. 2015. Universidade, online. Disponível em: <<https://expansao.co.ao/universidade/interior/agostinho-neto-declara-guerra-a-monografias-plagiadas-10625.html>>. Acesso em: 25.04.2022.

11. SOBA, Arnaldo. “Tornei-me licenciado: e agora? Reflexões fundamentais sobre juventude, excelência académico-profissional e vida de objetivos”. Luanda: Azul, 2021.

ARNALDO SOBA

# O PLÁGIO

E SE PUDÉSSEMOS EXTIRPAR O CÂNCER  
DO PLÁGIO DO TECIDO ACADÉMICO E LITERÁRIO?

